



^ < >

Os meus sentimentos,
de Dulce Maria Cardoso,
enc. Mónica Calle,
Casa Conveniente/
Culturgest, 2013
(Mónica Calle),
fot. Paulo Figueiredo.

A essência da angustiante e claustrofóbica solidão

Os meus sentimentos, por Mónica Calle

Emília Costa

Em *Os meus sentimentos*, Mónica Calle aventurou-se em terrenos pantanosos: transformar o simples acto de ler num espectáculo teatral. A simbiose entre literatura e teatro, sem subterfúgios. Uma actriz (Mónica Calle) e um livro (*Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso), coadjuvada por uma magistral selecção musical e por um irrepreensível jogo de luzes (da autoria de José Álvaro Correia), construíram um espectáculo intenso e sedutor que nem a sua duração (cerca de 7 horas) fez esmorecer os espectadores.

Pela sua autenticidade, intensidade e beleza, o espectáculo *Os meus sentimentos*, de Mónica Calle foi,

por isso, distinguido com uma Menção Especial pelo júri da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro relativamente ao ano de 2013.

Num projecto tão assumidamente arriscado, o seu êxito não pode ser dissociado da brilhante interpretação de Mónica Calle que, sozinha em palco, se transforma em Violeta (personagem principal e narradora do romance) e nos envolve nos labirintos trágicos da sua vida. Apesar da leitura de partes do livro por Calle, o espectador rapidamente se esquece da actriz que está a ler à sua frente e sente Violeta como se Calle e Violeta fossem uma só e nesse logro, que sabe ser um logro mas nem por isso

>
Os meus sentimentos,
de Dulce Maria Cardoso,
enc. Mónica Calle,
Casa Conveniente/
Culturgest, 2013
(Mónica Calle),
fot. Paulo Figueiredo.



deixa de acreditar, acompanha Calle/Violeta pelo avançar da noite, envolto numa assombrosa escuridão que é, não só a escuridão do palco, mas sobretudo a escuridão da morte para onde inevitavelmente a personagem se encaminha e a que todos nós sabemos não escapar.

Nessa precipitação para o abismo, em que o espectáculo se vai tornando e que encantatoriamente transporta o espectador, não é indiferente o jogo de luz e sombra em que Calle/Violeta é envolvida, a escolha musical (Elis Regina, Johnny Cash, P.J. Harvey, Tina Turner e Nirvana) que a acompanha e, sobretudo, a linguagem poética de Dulce Maria Cardoso que, na voz de Calle, parece personificar a verdadeira essência da angustiante e claustrofóbica solidão.

Mónica Calle, aliás como nos foi habituando ao longo da sua já vasta carreira, quer como actriz quer como encenadora, não nos oferece o conforto das mentiras apaziguadoras. Mostra-nos, sim, sem complacências nem ilusões, as fragilidades de uma humanidade que, cada vez mais, se comporta como se fosse inabalável e perfeita e que obstinadamente se recusa a confrontar os seus medos e as suas emoções. Calle expõe-se e expõe-nos, obriga-

nos a sentir e a sofrer, torna-nos humanos. Também, por este motivo, o espectáculo *Os meus sentimentos* podia soçobrar. Como penetrar a couraça que nos protege e atingir a nossa humanidade?

O objectivo a que se propôs não foi, por isso, fácil, e Calle não o ignorava. Numa sociedade que privilegia o agir em detrimento do sentir, quem se dispõe a invadir o espectador, de forma a levá-lo a abandonar a mecânica e estereotipada maneira de agir e entregar-se sem pudor ao sentir, é muitas vezes mal interpretado. Mas esse era um risco que Calle já conhecia de outros projectos e que inteiramente assumiu. Assim, inteira, corpo e espírito, entregou-se (uma mulher, Calle, Violeta, qualquer mulher, exposta, visceralmente exposta) e convidou o espectador a entregar-se, e quem aceitou o convite vivenciou uma experiência emocional profunda e gratificante. Apesar do confronto com a finitude da vida e a inexorável solidão humana, a sensação final foi de comunhão: actriz e espectadores unidos num mesmo sentir. Apesar de tudo, a comunhão com o outro, ainda que momentânea, é possível.

No mais minimalista dos cenários, a essência mágica do teatro.